



A Vida Feliz

Uma obra de Santo Agostinho — um diálogo filosófico sobre a natureza da felicidade, a busca por Deus e o caminho da sabedoria. Escrita em forma de banquete intelectual, reúne amigos e familiares em torno das grandes questões da alma humana.

Prof. Dr. Plinio Marcos Tsai

Docente do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo

Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Metodista de São Paulo

Docente da Graduação em Teologia da Universidade Metodista de São Paulo

Como citar: TSAI, Plinio Marcos. A Vida Feliz — Santo Agostinho. Disponível em: pliniotsai.buda.org.br. Acesso em: [data de acesso].

O Desejo Inato de Felicidade

VERDADE UNIVERSAL

Santo Agostinho argumenta que a felicidade é um desejo universal e inerente a todo ser humano. Contudo, frequentemente, essa busca se desvia para os caminhos errados, prometendo satisfação onde não há.

Caminho Falso

Riquezas, prazeres efêmeros e fama mundana



Caminho Verdadeiro

Paz interior, sabedoria e realização espiritual

Ele nos convida a reconhecer que esse anseio profundo aponta para algo além do visível, uma fonte de alegria duradoura e verdadeira.

O Mar Tempestuoso e o Porto da Filosofia

Santo Agostinho descreve a vida humana como um mar incerto, onde somos lançados em meio a tempestades. O porto da filosofia surge como um refúgio, mas nem todos o alcançam da mesma forma. A adversidade, muitas vezes, é o vento que impulsiona nossa busca pela verdadeira felicidade.



Os que Fogem Cedo

Reconhecem os perigos da vida e buscam o porto da sabedoria antes que as grandes tempestades cheguem, por vontade própria.



Os Enganados pela Bonança

Seduzidos por períodos de calmaria, adiam a busca pelo conhecimento e são pegos desprevenidos pelas intempéries futuras.



Os que Chegam Após Naufrágios

Empurrados por sofrimentos, perdas e fracassos, são conduzidos ao porto da filosofia, encontrando refúgio e sentido na dor.

Assim, a adversidade se revela não como um castigo, mas como um guia paradoxal rumo à paz e à verdade.



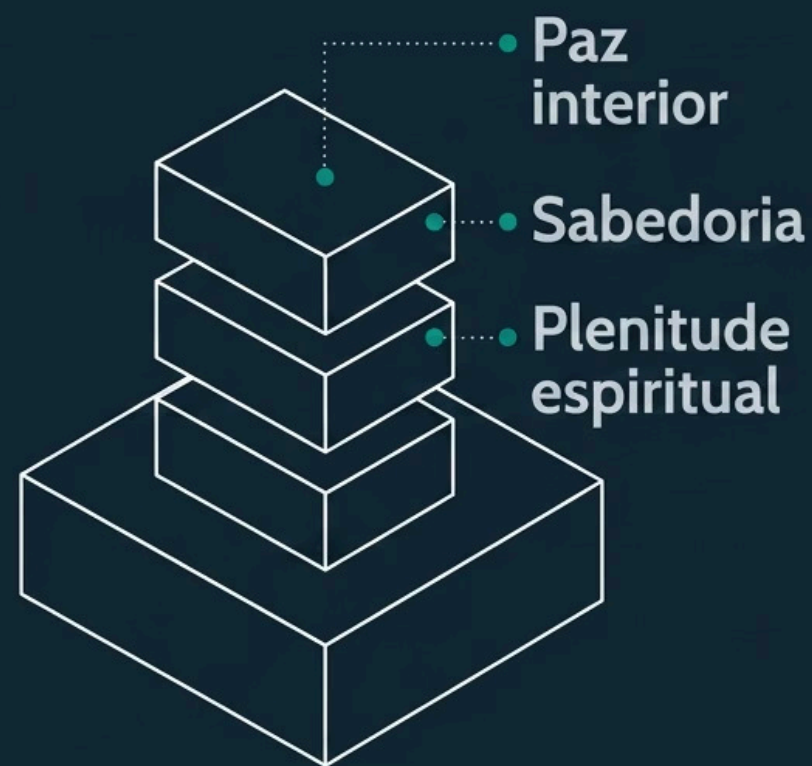
O Monte da Glória Vazia

A ILUSÃO DA FELICIDADE EFÊMERA

Santo Agostinho adverte sobre o "Monte da Glória Vazia": um pico imponente que brilha com uma luz enganadora, atraindo os incautos com promessas de fama, poder, riqueza e prazer, mas que oferece apenas uma base instável que leva à queda e ao vazio. O desejo humano pela felicidade é real, mas frequentemente se desvia para caminhos ilusórios.



Felicidade Falsa



Felicidade Verdadeira

Esta montanha simbólica é um lembrete de que a verdadeira alegria não reside na acumulação de bens ou no reconhecimento mundano, mas sim em algo mais profundo e duradouro, edificado sobre a solidez da verdade.

A Conversão de Agostinho

DO HORTÊNSIO A PLOTINO

A jornada de Santo Agostinho, um caminho marcado por inflamações intelectuais, desvios existenciais e uma busca incansável pela verdade, culminando em uma profunda conversão. Sua autobiografia se torna, por si só, um poderoso argumento filosófico sobre a natureza humana e a busca por Deus.

O Chamado da Filosofia



Aos 19 anos, a leitura do *Hortênsio* de Cícero acendeu em Agostinho um amor ardente pela sabedoria, despertando a paixão pela verdade.

Nevoeiros e Desvios



Anos de incerteza vieram com a doutrina maniqueísta, o ceticismo dos Acadêmicos, e os atrativos do casamento e das honras mundanas, que o desviaram de seu propósito.

A Chama Neoplatônica



Os escritos de Plotino reacenderam seu espírito, oferecendo uma visão de Deus mais abstrata e um caminho para o autoconhecimento, embora ainda incompleto.

A Crise e a Conversão



Uma profunda dor de peito e a angústia interior o levaram a abandonar tudo, buscando a tranquilidade que só a fé e a entrega a Deus poderiam oferecer.

A jornada de Agostinho demonstra que a busca por uma vida feliz é uma travessia pessoal, repleta de crises, desvios e momentos de conversão que moldam o espírito e direcionam para a verdadeira paz.

Alma e Corpo — O Alimento de Cada Um

DUALIDADE E NECESSIDADE

Santo Agostinho propõe uma profunda reflexão sobre a natureza humana: somos seres duais, compostos de corpo e alma, e cada um possui suas próprias necessidades vitais. Ignorar uma dessas dimensões é condenar parte de si à inanição.

O Alimento do Corpo

Assim como qualquer criatura terrena, o corpo exige sustento material para sua sobrevivência e desenvolvimento:

- Comida: para nutrir a matéria e gerar energia.
- Água: essencial para as funções vitais.
- Repouso: para a recuperação das forças.
- Abrigo: proteção contra os elementos.

Sem essas necessidades básicas, o corpo enfraquece, adoece e, por fim, perece. Sua vitalidade depende da constante renovação física.

O Alimento da Alma

A alma, nossa essência imaterial e racional, busca uma nutrição mais elevada, que a eleva e a preenche de significado:

- Entendimento: a busca incessante pelo conhecimento e a verdade.
- Ciência: a sabedoria adquirida pela razão e reflexão.
- Virtude: a prática do bem que fortalece o caráter.
- Deus: a fonte última de toda a verdade e felicidade.

Um espírito instruído e virtuoso é forte e resiliente, enquanto a alma ignorante e viciosa se encontra em um estado de jejum contínuo, murchando em sua própria esterilidade.

Agostinho argumenta que a alma, sem o alimento do entendimento e da virtude, murcha e se torna "nequitia" — o nada, a esterilidade do ser. Em contraste, a virtude é a verdadeira fecundidade da alma, seu florescimento pleno em direção à vida feliz.

Feliz é Quem Tem o Que Quer — Mas com Uma Condição

A ÉTICA DO DESEJO

Agostinho, no Capítulo II, aprofunda a natureza da felicidade. Ele argumenta que, embora desejar algo e não o ter leve à infelicidade, a mera posse do que se deseja não garante a alegria. É crucial o que se deseja.

"Querer o que não é correto é a própria infelicidade." — Cícero, Hortênsio

Desejo Frustrado

A ausência do que se almeja gera insatisfação e perturbação.

Desejo Equivocado

Possuir o que é mal desejado leva a um vazio, não à plenitude.

Desejo Reto

Somente ter o que é bom e virtuoso conduz à verdadeira felicidade.

A verdadeira felicidade, para Agostinho, reside na união entre a posse do desejo e a retidão moral desse desejo, apontando para uma fonte de bem maior e duradouro.

O Bem Permanente — Só Deus Pode Ser Possuído Sem Medo

A BUSCA PELA FELICIDADE DURADOURA

Para Agostinho, a verdadeira felicidade reside na posse de um bem que não dependa da sorte nem esteja sujeito aos acasos da vida. Tudo o que é mortal e transitório não pode nos satisfazer plenamente, pois o amor por algo que pode ser perdido inevitavelmente gera medo e angústia.

Bens Temporais



Riqueza, Fama,
Poder, Beleza

O Bem Eterno



Deus - Imutável,
Eterno, Paz

Somente um bem eterno e imutável, que pode ser tido quando desejado e pelo tempo que quisermos, é capaz de saciar o desejo humano sem gerar o medo da perda. Esse bem supremo, para a filosofia agostiniana, é Deus.

Quem Tem a Deus? — Três Respostas dos Comensais

A HARMONIA DAS VISÕES

No banquete filosófico, Agostinho propõe uma questão central: "Quem tem a Deus?". Três vozes emergem com respostas distintas, mas que, ao serem aprofundadas, revelam uma profunda harmonia e convergência.



Licêncio: "Quem Vive Bem"

Deus é acessível àqueles que pautam suas vidas pela virtude, pela retidão moral e pela busca constante do bem. A felicidade reside na conformidade da ação com a bondade interior.



Trigécio: "Quem Faz o Que Deus Quer"

A posse de Deus é para os que se submetem à Sua vontade, obedecendo aos Seus preceitos e direcionando seus passos segundo a lei divina. A verdadeira liberdade encontra-se na adesão ao desígnio maior.



Adeodato: "Quem Não Tem o Espírito Imundo" (Mt 5,8)

Citando as Escrituras, Adeodato aponta para a pureza de coração como condição essencial. Ter um espírito limpo, desprovido de paixões desordenadas e intenções maliciosas, permite a visão e a comunhão com o divino.

Agostinho habilmente demonstra que as três perspectivas, embora formuladas de maneiras diferentes, convergem para uma mesma verdade: ter a Deus é possuir o bem permanente, eterno e imutável. Somente neste bem supremo o ser humano pode encontrar a felicidade plena e duradoura, livre do medo da perda e da transitoriedade do mundo material.

Os Acadêmicos e o Paradoxo da Busca Sem Encontro

LÓGICA AGOSTINIANA

Agostinho confronta a postura dos Acadêmicos que, afirmando a impossibilidade de encontrar a verdade, paradoxalmente continuam a buscá-la. Ele desmonta essa contradição com uma sequência lógica implacável:

01

Busca Incessante

Os Acadêmicos procuram a verdade, mas negam sua descoberta.

02

Desejo Frustrado

Quem busca, deseja encontrar. Se não encontram, não possuem o que querem.

03

Infelicidade Inevitável

Não possuir o que se deseja fundamentalmente leva à infelicidade.

04

Sabedoria Negada

Apenas os felizes são verdadeiramente sábios. Logo, os Acadêmicos não o são.

Uma busca que recusa a chegada condena-se à infelicidade. A fé cristã, diferentemente da filosofia antiga, oferece a certeza do encontro, a verdade que sacia e liberta do medo da perda, culminando na felicidade verdadeira.

Deus Favorável — Os Três Estados da Alma

A JORNADA ESPIRITUAL

No Capítulo III, Agostinho delinea os três estados possíveis da alma em sua relação com Deus, uma progressão que culmina na verdadeira felicidade e plenitude.



Deus Adverso

A alma que se afasta de Deus através de vícios e pecados encontra um "Deus adverso". Nesse estado, a infelicidade e a angústia são a realidade, pois a busca por bens transitórios nunca satisfaz.



Deus Favorável (a caminho)

Aqueles que buscam a Deus, ainda que não o tenham encontrado plenamente, já desfrutam de um "Deus favorável". Estão na senda da verdade, impulsionados pela fé e pela esperança, caminhando rumo à felicidade.



Deus Favorável (encontrado)

A alma que encontra a Deus alcança o estado de "Deus favorável e feliz". Aqui, a união com o bem supremo dissipa todo medo e tristeza, inaugurando uma alegria duradoura e inabalável.

"Uma coisa é ter a Deus, outra é não estar sem Deus." — Mónica

A sábia observação de Mónica ilumina a distinção sutil entre a presença divina que nos guia (favorável) e a posse plena que nos completa (ter a Deus). Mesmo a busca já é um estado de graça e progresso, um caminho de esperança rumo à plenitude.

A Tolice como Suma Necessidade — O Argumento da Miséria

CAPÍTULO IV

Agostinho, em um movimento lógico e contundente no Capítulo IV, desvela a intrínseca relação entre infelicidade, necessidade e tolice. Sua demonstração é clara: todo infeliz está em estado de necessidade, e toda necessidade é uma forma de miséria. A necessidade mais profunda da alma, porém, não é a falta de bens materiais, mas sim a tolice, a ausência de sabedoria.

Riqueza Material, Pobreza Espiritual

Considere o exemplo de Sérgio Orata: um homem riquíssimo, mas que vivia sob o constante tormento do medo de perder seus bens. Sua opulência o tornava, paradoxalmente, necessitado — não de mais riqueza, mas de sabedoria para transcender esse medo.

A Verdadeira Miséria

"Chamá-lo-íamos necessitado se lhe faltasse prata, e não o chamamos se lhe falta sabedoria?" — Mónica

A penetrante questão de Mónica ressalta a ironia: valorizamos mais a falta de prata do que a ausência de sabedoria, que é a verdadeira miséria da alma.

Para Agostinho, a tolice é o oposto da sabedoria, assim como a morte é o oposto da vida. Desse modo, a equação se fecha: todo tolo é infeliz, e todo infeliz é tolo. A verdadeira felicidade reside na sabedoria que liberta da miséria da necessidade.

A Plenitude como Oposto da Necessidade — O Modo do Espírito

ARGUMENTO FINAL DO CAPÍTULO IV

No encerramento do Capítulo IV, Agostinho, através da voz de Licêncio, apresenta a conclusão lógica da busca pela felicidade: o contrário da necessidade não é a riqueza material, mas sim a **plenitude**. Esta plenitude é alcançada quando o espírito encontra seu verdadeiro "modo", seu equilíbrio perfeito.

Plenitude vs. Necessidade

A verdadeira satisfação não reside na acumulação, mas na completude que transcende qualquer falta ou desejo.



Modo e Temperança

Derivando de "modéstia" e "temperança", o "modo" representa o ponto justo, que exclui tanto o excesso quanto a carência.

Sabedoria é o Modo

A sabedoria surge como a medida ideal para a alma, o estado de equilíbrio que conduz à paz e à verdadeira felicidade.



Espírito Fora do Modo

Seja nas luxúrias e ambições desmedidas, ou nos medos e tristezas que paralisam, o espírito se afasta do seu equilíbrio natural.

"O primeiro princípio útil na vida é que nada seja em excesso." — Terêncio

A reflexão de Agostinho ecoa a sabedoria clássica, apontando para a **moderação** como o caminho para a plenitude. Atingir o "modo do espírito" é a libertação definitiva da miséria da necessidade, encontrando em Deus a fonte inesgotável de sabedoria e serenidade.

Cristo como Sabedoria de Deus — A Revelação da Plenitude

ARGUMENTO TEOLÓGICO CULINANTE

No ápice de sua argumentação sobre a felicidade e a sabedoria, Agostinho conduz-nos à revelação teológica central: a verdadeira Sabedoria não é um conceito abstrato, mas uma Pessoa Divina. É n'Ele que o "modo do espírito" encontra sua perfeição, e a busca pela verdade alcança sua plenitude.

A Sabedoria Divina Encarnada

"O que se deve chamar sabedoria, senão a Sabedoria de Deus? O Filho de Deus não é outra coisa senão a Sabedoria de Deus."

— 1 Coríntios 1,24

"E o que é a sabedoria, senão a verdade? 'Eu sou a Verdade'"

— João 14,6

A Escritura Sagrada testifica que Cristo não é apenas sábio, mas a própria Sabedoria, a Verdade que ilumina todo ser humano. Ele é a resposta divina para a ânsia de conhecimento e paz que Agostinho explorou em sua filosofia.

Cristo: O Sumo Modo, Verdade e Sabedoria

Agostinho postula que a verdade só pode existir por meio de um "sumo modo", uma realidade primeira e perfeita da qual tudo procede e para a qual tudo se orienta. Este modo supremo é o que garante a ordem, a medida e a beleza de todas as coisas.

Ao identificar o Filho de Deus como a Sabedoria e a Verdade, Agostinho conclui que Cristo é este **Modo supremo**. N'Ele, a plenitude, a verdade e a sabedoria se encontram, oferecendo à alma o porto seguro da felicidade inabalável.

Encontrar Cristo é, portanto, encontrar a vida feliz, pois é unir-se à fonte de todo o bem, à medida perfeita do ser e à luz que dissipa todas as sombras da ignorância e da miséria.

Este é o ponto culminante da jornada agostiniana: a filosofia encontra sua realização na teologia, e a busca humana pela felicidade encontra sua resposta definitiva na pessoa de Cristo, a Sabedoria de Deus.

A Trindade e a Vida Feliz — Uma Só Substância

O ARGUMENTO TRINITÁRIO FINAL DE AGOSTINHO

Agostinho culmina sua exploração da vida feliz com o argumento trinitário, revelando que a plenitude da existência reside no conhecimento piedoso e perfeito da Santíssima Trindade. Nela, a unidade e a substância divina nos guiam, preenchem e conectam ao sumo bem.

O Pai: A Fonte da Verdade

É por Ele que somos conduzidos à verdade suprema, o princípio e a origem de toda existência e revelação.



O Filho: A Verdade Encarnada

É n'Ele, a Sabedoria e a Verdade por excelência, que gozamos da plenitude e do sumo bem.

O Espírito Santo: O Elo de Conexão

É por Ele que somos ligados ao sumo modo, unindo-nos à própria essência divina em amor e harmonia.

Estas três Pessoas divinas, distintas em suas funções mas unidas em uma só substância, revelam a profundidade da vida feliz. Como Mónica sabiamente recita, ecoando Ambrósio:

"Acolhei, Trindade, os que vos suplicam."

A vida feliz, em sua essência mais pura, é conhecer, amar e ser acolhido por essa Trindade indissolúvel. É um estado de plenitude onde toda busca por sabedoria e toda ânsia por felicidade encontram sua resposta definitiva e eterna.

Fé, Esperança e Caridade — O Caminho para a Vida Feliz

CONCLUSÃO PRÁTICA DE MÓNICA

No epílogo de seu banquete filosófico, Mónica oferece uma síntese prática para a busca da felicidade. Ela nos convida a ir além do intelecto, abraçando uma jornada de toda a pessoa rumo à vida perfeita — uma vida que só pode ser alcançada pelas virtudes teologais.



Fé Sólida

Uma confiança inabalável nas verdades divinas, o alicerce sobre o qual construímos nossa esperança e caridade. É o olhar que percebe o invisível.



Esperança Viva

A expectativa confiante na promessa de Deus, que nos impulsiona adiante mesmo nas adversidades. É a força que anseia pela plenitude futura.



Caridade Inflamada

O amor divino derramado em nossos corações, que nos une a Deus e ao próximo. É o vínculo perfeito que nos preenche e nos aproxima do Sumo Bem.

"Apressando-nos para ela [a vida feliz], devemos ter a presunção de que podemos ser conduzidos pela fé sólida, pela esperança viva e pela caridade inflamada."

— Mónica

As três virtudes teologais não são meros conceitos, mas o caminho concreto e vivo para encontrar a Deus e saciar o desejo humano. É uma caminhada de fé, sustentada pela esperança e consumada no amor, que nos conduz à verdadeira e eterna vida feliz.

O Modo Deve Ser Guardado — Regresso a Deus

SÍNTESE FINAL E CAMINHO PARA A PLENITUDE

Agostinho encerra sua profunda exploração sobre a vida feliz com um convite à ação e uma doxologia, expressando gratidão ao "sumo e verdadeiro Deus Pai, Senhor libertador das almas". O caminho para a verdadeira felicidade, segundo ele, é uma jornada de constante moderação e retorno ao divino.



Este percurso começa com o inato desejo humano por felicidade, que, percebemos, só pode ser saciado plenamente em Deus. A sabedoria, então, revela-se não como um mero conhecimento intelectual, mas como o "modo do espírito" — o equilíbrio, a medida e a moderação que nos alinha com a ordem divina. A culminação dessa jornada é a vida feliz, uma existência plena e serena encontrada na comunhão com a Santíssima Trindade.

"O modo deve ser guardado em toda a parte, e amado em toda a parte, se vos é caro o nosso regresso a Deus."

— Santo Agostinho

Nas palavras finais de Agostinho, ecoa a essência de sua filosofia: a busca incessante pela verdade e pela felicidade encontra sua realização no retorno à fonte de todo o ser. O "modo", a medida divina, é o guia essencial que nos reconduz à nossa verdadeira pátria espiritual, garantindo a paz e a plenitude em Deus.

Capítulo I — O Porto da Filosofia

1,1 – Se a tempestade pudesse levar ao porto seguro da felicidade

Caríssimo e ilustre Teodoro, se os caminhos da razão e a própria vontade pudessem conduzir os homens àquele porto da filosofia de onde se parte para a região e o solo da vida feliz, não sei se seria exagero dizer que chegaria lá um número muito menor de pessoas do que as que atualmente lá chegam. Afinal, desde que fomos lançados a este mundo — como que num mar tempestuoso, quase ao acaso — quem haveria de saber para onde se dirigir, se alguma tempestade não os empurrasse, mesmo contra a vontade, para a tão desejada terra?

Primeira Classe

Os que, ao atingir a idade da razão, com pouco esforço fogem do que está perto e se recolhem na tranquilidade. Erguem um farol claríssimo para os outros cidadãos.

Segunda Classe

Os enganados pela face falsíssima do mar, que se aventuram mar adentro. A bonança dos prazeres e das honras os ilude — e só a adversidade os pode reconduzir.

Terceira Classe

Os que, mesmo após muito vaguear e sofrer, vislumbram sinais e se lembram da sua querida pátria. Às vezes erram mais, mas alguma calamidade os conduz à vida desejada.

1,3 – A sabedoria dos antigos comparada a um monte imenso

Todos os que se dirigem à região da vida feliz têm diante do porto um monte imenso e terrível — o estudo orgulhoso da glória vazia. Ele brilha tanto, está tão coberto por aquela luz enganadora, que não só se oferece como morada para os que se aproximam, como também atrai os homens desde o próprio porto. Um monte que não tem nada de sólido ou pleno, de modo que, inchado, devora e afunda os que andam sobre ele num solo frágil.

1,4 – O que Agostinho experimentou

Desde os meus dezanove anos, depois de ler o *Hortênsio* de Cícero, fiquei tão inflamado de amor pela filosofia que decidi logo entregar-me a ela. Mas não faltaram nevoeiros a turvar o meu caminho. Certa crença equivocada me afastava da própria investigação. Depois caí nas mãos de homens para quem a luz visível deveria ser adorada como coisa divina. Os Acadêmicos, por muito tempo, seguraram o meu leme no meio das ondas. Depois vim para estas terras; aqui aprendi a confiar-me a uma estrela-guia.

Os atractivos do casamento e das honras me detinham. Pensava que, depois de alcançar essas coisas, então sim, poder-me-ia lançar, com todas as velas e remos, naquele porto. Depois de ler uns poucos livros de Plotino, fiquei tão abrasado que quisera romper todas as âncoras. Uma dor de peito tão forte apoderou-se de mim que abandonei tudo e conduzi o meu barco, ainda que abalado e cansado, para a desejada tranquilidade.

1,5 – O que pensa agora

Vês, pois, em que filosofia navego, como que num porto. Mas este porto ainda é grande, e a sua vastidão, embora já menos perigosa, não exclui completamente o erro. Pois não sei absolutamente para que parte da terra feliz me dirigir. Por isso, suplico-te, pela tua virtude, pela tua bondade, pelo vínculo e comunhão que une as almas, que me estendas a mão — que me ames, e que acredites que eu te amo de volta.

1,6 – Quem são os comensais que discutem sobre a vida feliz

Era o meu aniversário, nos idos de Novembro. Depois de um almoço tão ligeiro que em nada prejudicasse a agilidade do espírito, chamei todos os que costumavam comer comigo para nos sentarmos nas termas. Estavam presentes: minha mãe Mónica, o meu irmão Navigio, Trigécio e Licêncio, meus concidadãos e discípulos, os meus primos Lastidiano e Rústico, e o mais novo de todos em idade — o meu filho Adeodato, cujo talento promete grandes coisas.

Capítulo II — O Banquete da Alma

2,7 – Deseja quem sabe que necessita

Parece-vos evidente que somos compostos de alma e corpo? Todos concordaram, exceto Navigio. Após breve diálogo, ficou estabelecido que o alimento pertence ao corpo — pois sem comida, os corpos emagrecem. Mas a alma também tem o seu próprio alimento.

2,8 – A alma precisa do entendimento e da virtude

"A ciência não vos parece ser a comida da alma?" — perguntou Agostinho. Minha mãe respondeu: "Creio que a alma se alimenta apenas do entendimento das coisas e da ciência." Os espíritos dos muito instruídos são mais ricos e maiores do que os dos ignorantes. Os espíritos daqueles que nada aprenderam estão em jejum, famintos.

A Maldade como Esterilidade

A própria maldade, mãe de todos os vícios, os antigos quiseram que se chamasse *nequitia* — "não é nada" — porque é o nada. Tudo o que flui, se dissolve, se liquefaz e sempre perece, isso é nada. Por isso chamamos a esses homens "perdidos".

A Virtude como Permanência

Há algo que permanece, que é constante, que é sempre assim: é a virtude. Uma grande e belíssima parte da virtude chama-se temperança e frugalidade — que vem de "fruto", por causa de uma certa fecundidade da alma.

Dois Tipos de Alimento

Tal como nos corpos, também nas almas há dois tipos de alimentos: um saudável e útil, outro doentio e mortal. Os doentes, como vemos, recusam o seu alimento — e assim também os espíritos doentes recusam a sabedoria.

2,10 – Todos queremos ser felizes

"Queremos ser felizes?" — mal tinha dito isto, responderam a uma voz que sim. "Parece-vos feliz quem não tem o que quer?" Negaram. Minha mãe respondeu com sabedoria: "Se quer e tem coisas boas, é feliz; mas se quer coisas más, ainda que as tenha, é infeliz." Agostinho exclamou jubiloso: "Mãe, tocaste na própria cidadela da filosofia!"

Cícero, no *Hortênsio*: "Eis que todos afirmam que são felizes os que vivem como querem. Isto é falso: pois querer o que não é correcto é a própria infelicidade. E não é tão infeliz não conseguir o que se quer, como conseguir o que não se deve querer. Pois mais mal causa a perversidade da vontade do que a sorte pode trazer bem a alguém."

2,11 – Não é feliz quem não pode ter o que quer

O que deve o homem adquirir para ser feliz? Aquilo que, quando quer, tem — algo permanente, que não dependa da sorte nem esteja sujeito aos acasos. Pois tudo o que é mortal e perecível não pode ser tido por nós quando queremos e durante o tempo que queremos. Quem teme, não é feliz; e quem ama o que pode perder, não pode deixar de temer.

01

Quem vive bem

Licêncio: "Tem a Deus quem vive bem."

02

Quem faz o que Deus quer

Trigécio: "Tem a Deus quem faz o que Deus quer."

03

Quem não tem o espírito imundo

Adeodato: "Tem a Deus quem não tem o espírito imundo" (cf. Mt 5,8).

04

Deus é eterno

Licêncio: "Deus é eterno e sempre permanente — tão certo que nem precisa de pergunta." Logo, quem tem a Deus é feliz.

2,14 – Os Acadêmicos, por não encontrarem a verdade, não podem ser felizes

Se é manifesto que não é feliz quem não tem o que quer, e ninguém procura o que não quer encontrar, e os Acadêmicos procuram sempre a verdade — então querem encontrá-la. Ora, não a encontram: logo, não têm o que querem; e, portanto, não são felizes. Ninguém é sábio senão o feliz. Logo, o Acadêmico não é sábio.

☐ Minha mãe, ao ouvir a explicação sobre os Acadêmicos, disse com simplicidade admirável: "Esses homens andam às cegas" — e todos, rindo e alegres, terminaram ali a conversa do primeiro dia.

Capítulo III — Deus Favorável e a Vida Bem Vivida

3,17 – Recordam-se as palavras ditas

No dia seguinte, depois do almoço, sentámo-nos outra vez no mesmo local. Agostinho recordou as três respostas do dia anterior: quem vive bem, quem faz o que Deus quer, e quem não tem o espírito imundo. A investigação recomeçou com nova profundidade.

3,18 – Os debatedores disseram o mesmo com palavras diversas

Quem vive bem faz o que Deus quer; e quem faz o que Deus quer vive bem. Viver bem é exactamente fazer o que agrada a Deus. Quanto ao "espírito imundo", pode ser entendido de duas maneiras: o espírito que invade a alma de fora e causa loucura, ou toda alma impura manchada por vícios e erros.

Adeodato respondeu com sabedoria: "Verdadeiramente casto é quem se fixa em Deus e só a Ele se apega." Estas palavras foram registadas com admiração.

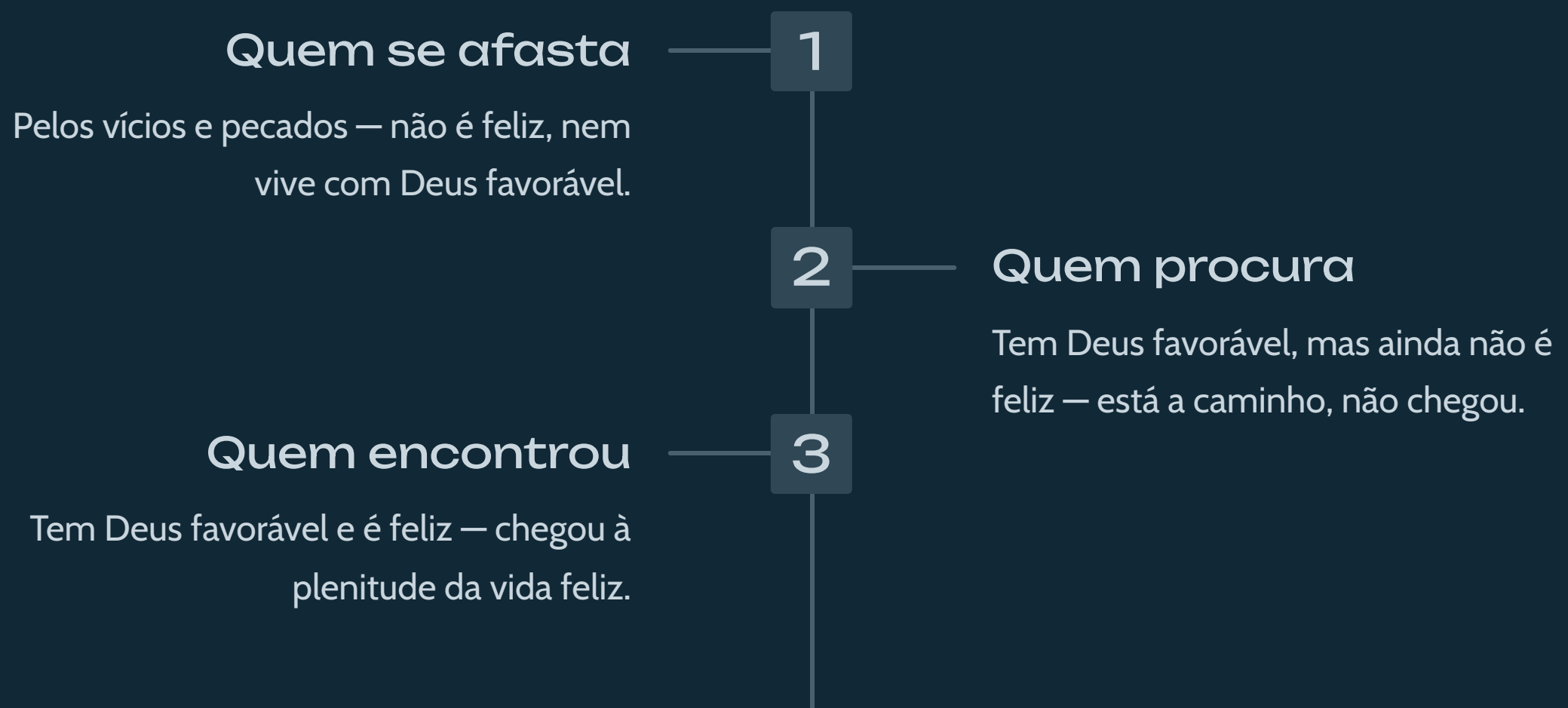
3,19 – Se procurar a Deus é viver feliz

Quer Deus que o homem O procure? Sim. Pode-se dizer que quem procura a Deus vive mal? De modo nenhum. O espírito imundo pode procurar a Deus? Não.

Mas quem procura a Deus ainda não possui a Deus. Logo, nem todo aquele que vive bem pode ser automaticamente considerado como tendo a Deus — pois ainda está a caminho.

3,20 – Se o sábio dos Acadêmicos procura Deus — Navigio objeta

Navigio levantou uma objeção perspicaz: não pode dizer que Deus é adverso a quem O procura — isso seria ímpio. Logo, Deus ser-lhe-á favorável. E quem tem Deus favorável é feliz. Portanto, seria feliz aquele que procura. Mas quem procura ainda não tem o que quer. Seria, então, feliz quem não tem o que quer — precisamente o que antes acharam absurdo.



3,21 – Quem procura e tem Deus favorável é apto para a vida feliz

Minha mãe interveio com sabedoria: "Uma coisa é ter a Deus, outra é não estar sem Deus." Quem vive bem tem a Deus favorável; quem vive mal tem a Deus adverso; quem ainda procura e ainda não encontrou, nem favorável nem adverso — mas não está sem Deus. A conclusão final: todo o que já encontrou Deus tem Deus favorável e é feliz; todo o que procura tem Deus favorável, mas ainda não é feliz.

3,22 – Se alguém ainda procurando Deus está necessitado, é infeliz

Já concedemos que é infeliz todo aquele que não é feliz. Portanto, seria infeliz aquele que tem Deus favorável, mas que ainda procura e ainda não é feliz. Cícero pergunta: chamamos ricos aos donos de muitas terras, e chamaremos pobres aos que possuem todas as virtudes? A questão fica em aberto: se é verdade que todo o necessitado é infeliz, será igualmente verdade que todo o infeliz é necessitado? A investigação continua no dia seguinte.

Capítulo IV — A Sabedoria como Plenitude

4,23 – O que é a necessidade

No terceiro dia da discussão, as nuvens dissiparam-se e a tarde ficou claríssima. Desceram a um Prado próximo e concluíram a conversa. Minha mãe dissera que a miséria não é outra coisa senão a necessidade. Se a razão demonstrar que todo infeliz é necessitado, teremos descoberto perfeitamente quem é o feliz: será aquele que não tem necessidade.



4,25 – A vida feliz está no espírito

O espírito perfeito não necessita de nada. O que parece necessário ao corpo, ele o aceitará se estiver disponível; se não estiver, a falta dessas coisas não o abaterá. Todo sábio é forte; e nenhum forte teme seja o que for.



4,26 – A tolice é a suma necessidade

Sérgio Orata era riquíssimo, mas temia perder tudo. Minha mãe disse: "Chamá-lo-íamos necessitado se lhe faltasse prata, e não o chamamos se lhe falta sabedoria?" Todos exclamaram admirados. Não há necessidade maior do que a de sabedoria.



4,28 – A sabedoria é a vida feliz

A necessidade da alma não é outra coisa senão a tolice. A tolice é o contrário da sabedoria, assim como a morte é o contrário da vida. Todo tolo é infeliz; todo infeliz é tolo. Toda necessidade é miséria e toda miséria é necessidade.



4,30 – À necessidade opõe-se a plenitude

Licêncio propôs: "Plenitude parece-me o contrário correcto de necessidade." Onde há modo e temperie, não há nem mais nem menos. Essa é a plenitude que se opõe à necessidade — melhor do que "abundância", pois na abundância há excesso.

4,32 – A sabedoria é, portanto, a plenitude

Modéstia vem de "modo"; temperança, de "temperie". O modo exclui tanto o mais como o menos. A própria opulência, se a analisares, não é mais do que o modo. Tudo o que é pouco ou demais, por carecer de modo, está sujeito à necessidade. O modo do espírito é a sabedoria. A sabedoria é contrária à tolice; a tolice é necessidade; o contrário da necessidade é a plenitude. Logo, a sabedoria é a plenitude.

Terêncio: "O primeiro princípio útil na vida é que nada seja em excesso."

4,33 – E o modo

Ser feliz é não necessitar, ou seja, ser sábio. E o que é a sabedoria? Não é outra coisa senão o modo do espírito — o equilíbrio pelo qual o espírito não se estende ao excesso nem se encolhe aquém da plenitude. Estende-se nas luxúrias, nas ambições de poder, na soberba. Contraindo-se na impureza, nos medos, na tristeza, na avareza. Mas quando o espírito contempla a sabedoria descoberta e se apegando a ela, nada de desmedido, nada de necessidade, nada de miséria ele teme.

4,34 – Deus é a suma plenitude

O que se deve chamar sabedoria, senão aquela que é a Sabedoria de Deus? O Filho de Deus não é outra coisa senão a Sabedoria de Deus (1 Cor 1,24). Que é a sabedoria, senão a verdade? "Eu sou a Verdade" (Jo 14,6). A verdade só existe por meio de um sumo modo, de onde procede e para o qual, quando perfeita, se volta. Todo aquele que chega ao sumo modo através da verdade é feliz.

4,35 – Encontrando a qual, somos felizes

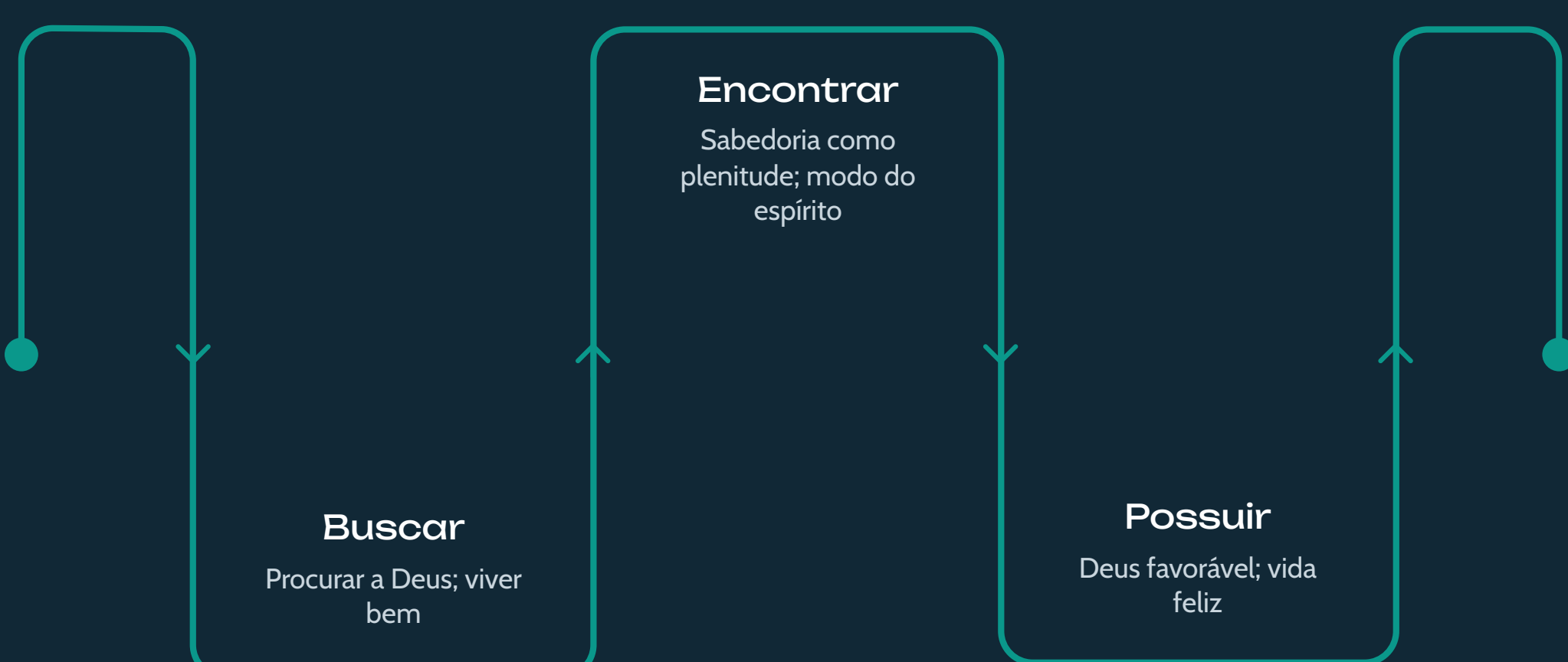
É uma certa admoestação que age em nós, para que nos lembremos de Deus, O procuremos, e, afastando todo o fastio, tenhamos sede d'Ele. A plena saciedade das almas — a vida feliz — é conhecer com piedade e perfeição: por quem és conduzido à verdade, de que verdade gozas, por quem és ligado ao sumo modo. Estas três coisas mostram um só Deus e uma só substância.

Minha mãe, recordando as palavras gravadas na sua memória, recitou alegremente o verso do sacerdote Ambrósio: "Acolhei, Trindade, os que vos suplicam" — e acrescentou: "Esta é, sem dúvida, a vida feliz, a vida perfeita. Apressando-nos para ela, devemos ter a presunção de que podemos ser conduzidos pela fé sólida, pela esperança viva, pela caridade inflamada."

4,36 – Louva os convivas e despede-os

"Portanto, já que o próprio modo nos adverte a interromper o banquete com um intervalo de dias, dou graças, com todas as minhas forças, ao sumo e verdadeiro Deus Pai, Senhor libertador das almas. E dou graças a vós, que, convidados em união, me enriquecesteis com muitos dons. Tanto contribuístes para a nossa conversa que não posso negar ter ficado saciado pelos meus convidados."

Trigécio disse: "Como eu desejaria que nos alimentasses assim todos os dias!" Agostinho respondeu: "O modo deve ser guardado em toda a parte, e amado em toda a parte, se vos é caro o nosso regresso a Deus." Ditas estas palavras, terminaram a disputa e retiraram-se.



O percurso filosófico de Agostinho e seus comensais revela que a vida feliz não é encontrada nas riquezas, nas honras ou nos prazeres — mas na sabedoria como plenitude do espírito, que é a própria Verdade de Deus.